

Exigência dos EUA causa impasse na reunião do BID

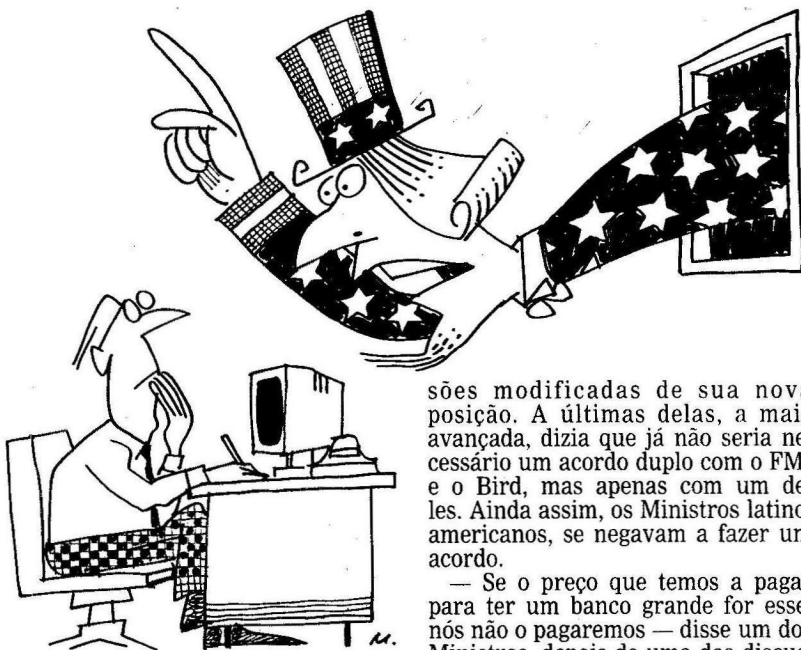
JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Enviado especial

AMSTERDAM, Holanda — Criou-se aqui, nas últimas horas, um impasse político-financeiro nas relações entre os Estados Unidos e a América Latina, por causa de uma repentina exigência feita pelo governo americano para concordar com um aumento de US\$ 22,5 bilhões no capital do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O Subsecretário do Tesouro, David Mulford, disse que seu país só concordaria com o aumento de capital se, a partir de agora, a aprovação de empréstimos setoriais à América Latina passasse a ser condicionada a acordos entre os países devedores com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird) para o monitoramento de sua economia.

Um acordo já tinha sido alcançado em Washington, uma semana atrás, depois de quase três anos de árduas negociações. O texto estipulando esse acréscimo já havia sido, inclusive, preparado em Amsterdan, há dois dias, para ser assinado durante a reunião anual do Banco, que será aberta oficialmente hoje pela Rainha Beatrix, da Holanda. Mas pouco antes de sua revisão final, na noite de sábado, a crise foi precipitada.

O governo dos EUA (cujo poder de voto no BID é de 34,5%) comunicou que havia mudado de idéia. E apresentou essa condição, que os latino-americanos consideraram intragável, como disse um deles.

— Se aceitarmos essa exigência dos americanos, nenhum de nós poderá voltar para casa no final da semana. Vamos ter de arranjar um emprego qualquer na Europa e nos exilar por aqui — comentou um dos negociadores, que pediu para não ser



identificado.

A novidade criou uma enorme tensão, que não havia sido desfeita no final da noite de ontem, depois de nada menos do que cinco reuniões entre as partes em menos de 24 horas. Na primeira delas, os Ministros da Fazenda do Brasil, Argentina, México e Venezuela — que negociam em nome de toda América Latina — convocaram o anfitrião desta reunião anual, o seu colega holandês, Onno Ruding, que serve como mediador, e lhe disseram que a nova exigência americana é inaceitável.

— Os latino-americanos de fato me informaram que fecharam questão com relação ao assunto — confirmou Ruding ao GLOBO.

Diante de tal resistência, o governo dos Estados Unidos recuou alguns passos, apresentando duas ver-

sões modificadas de sua nova posição. A últimas delas, a mais avançada, dizia que já não seria necessário um acordo duplo com o FMI e o Bird, mas apenas com um deles. Ainda assim, os Ministros latino-americanos, se negavam a fazer um acordo.

— Se o preço que temos a pagar para ter um banco grande for esse, nós não o pagaremos — disse um dos Ministros, depois de uma das discussões com o Subsecretário do Tesouro, David Mulford.

As divergências entre Norte e Sul começaram há quase três anos, quando se cogitou do aumento do capital. Os americanos exigiam o direito de vetar empréstimos para a América Latina que eles considerassem indevidos. Na semana passada houve um acordo: estipulou-se que a aprovação de um empréstimo poderia ser prorrogada por até um ano — para uma revisão completa — se houvesse uma discordância dos EUA (34,5% dos votos), o Canadá (4,4%) e um terceiro país qualquer. Em cima da hora, porém, surgiu a novidade que, segundo um dos negociadores latino-americanos, despencou como uma bomba:

— É uma dessas bombas de arrasar quarteirão! — disse ele.